



CONFRADES DA POESIA

www.confradesdapoesia.pt - Email: pinhaldias@gmail.com



«JANELA ABERTA AO MUNDO LUSÓFONO/UNIVERSAL»

SUMÁRIO

Capa: 1 / Voz do Povo: 2 / Voz do Poeta: 3,4 / Poesia Fluida: 5,7,8,9,10 / Poetas da Nossa Terra: 6 / Confrades da RCP: 11 / Sabedoria Popular: 12 /

EDITORIAL

O BOLETIM Mensal Online (PDF) denominado "Confrades da Poesia" foi fundado com a incumbência de instituir um Núcleo de Poetas, facultando aos (Confrades / Lusófonos) o ensejo dum convívio fraternal e poético. Pretendemos ser uma "Janela Aberta ao Mundo Lusófono e outros países"; explanando e dando a conhecer esta ARTE SUBLIME, que praticamos e gostamos de invocar aos quatro cantos do Mundo, apelando à Fraternidade e Paz Universal. Subsistimos pelos nossos próprios meios e sem fins lucrativos. Com isto pretendemos enaltecer a Poesia Lusófona, no acréscimo da Poesia Universal e difundir as obras dos nossos estimados Confrades que gentilmente aderiram ao projecto "ONLINE" deste Boletim.

Promovemos "A Paz"
A Direcção

«Este é o seu espaço cultural dedicado à poesia»

Para nós não existe concorrência. Existem parceiros de actividade!

POETAS DA NOSSA TERRA página 6



Nesta edição colaboraram 30 poetas

Deixamos ao critério dos autores a adesão ou não ao "Novo Acordo ortográfico"

FICHA TÉCNICA

Boletim Mensal Online

Propriedade: Pinhal Dias - Amora / Portugal | Revisão: Lahnip

A Direcção: Pinhal Dias - Fundador

Colaboradores: : Amália Faustino | Anabela Dias | António S B Pinheiro | Carlos Cebola | Chico Bento | Fernando Vasconcelos | Filomena Camacho | Hermilo Grave | João C Santos | João da Palma | Joel Lira | Jorge C Ferreira | José Jacinto | Lauro | Luís Fernandes | Luiz Poeta | Magda | Magui | Manuel Nobre | Maria Melo | Natália Fernandes | Paco Bandeira | Pinhal Dias | Quim Abreu | Rita Rocha | Serafim | Tito Olívio | Vitalino Pinhal | Vó Fia | ZzCouto ...



O Deus que eu sirvo não é Deus de facebook

O Deus que eu sirvo não é Deus de Facebook...
... ele é real, mas não me põe nenhum defeito,
vê minhas selfies e sorri, se faço um "look"...
Sabe por quê?... é que ele mora no meu peito.

O Deus que eu sirvo é o Deus do impossível,
Ele é incrível e me empresta a inspiração,
mas só se mostra, apesar de invisível,
quando eu o sinto dentro do meu coração.

Deus não nos fez robôs a qualquer semelhança...
... estamos vivos!... nosso tempo é agora!
diante dEle, somos sempre uma criança,
que quer brincar e ser feliz... que ri ou chora.

Meu Deus é vivo, supera a compreensão
de cada um que me inveja ou me difame...
sou um neófito em matéria de perdão,
mas Deus me ensina a perdoar... quem nem me ame.

Que haja respeito em cada crença
que se tenha,
ninguém é dono da verdade absoluta,
e quem não ama, apaga a luz e acende a lenha
e intoxica a solidão da própria gruta.

Todo egoísta e imaturo sempre aponta
um pecador para o pecado que cometa,
pede perdão, enquanto Deus paga essa conta
que se debita nas maldades do capeta.

Já apanhei e já bati... Já fui tão tolo
como você que filosofa sobre tudo,
comendo o pão sem perceber que é no miolo
que está a essência que produz bom conteúdo.

O Deus que eu sirvo, vive em minha consciência,
sua verdade se revela todo dia,
principalmente quando sua Onipotência
me abençoa com momentos de alegria.

O meu legado é muito simples: agradeça
todos os dias... só Deus sabe o que perdoa,
trate as pessoas com respeito e não se esqueça:
É com a vida que este Deus nos abençoa.

Por isso viva!.. mas entenda que é tolice
falar de amor sem praticar fraternidade...
e não deturpe tudo aquilo que Deus disse,
quando ensinou o sentimento da igualdade.

Luiz Poeta - Luiz Gilberto de Barros.
RJ/BR



OLHOS DO MEDO

Eu vi os olhos do medo
A brilhar na noite escura,
Com sorriso de arremedo,
Muitas sombras de loucura.
Era a esquina do passado,
Da cor de quem se ergue cedo,
Lava a cara na frescura
Das cordas negras do fado.

Não me tragam mais giestas,
Nem lenha para a fogueira,
Se me cantarem nas festas,
Vão chorar a noite inteira.

Minha vida é vagabunda,
Nem eu sei de onde ela vem,
Meus dias são de ninguém
E dormem em cama funda.

No trabalho não me apanham,
Tenho muito que fazer.
Se paro, todos me arranham,
Descanso quando morrer.

Tito Olívio - Faro

“Deixe em paz os meus defeitos”

*

Quem por certo não gostar
Do que faço, a meus jeitos...
Não me venham criticar,
Deixe em paz os meus defeitos.

*

Eu amo tudo o que tenho
Para meu bem, isso chamo
Além de fazer empenho,
Não tenho tudo o que amo.

*

Dizer, como eu costumo
Sem dar culpas a ninguém
Sou eu que sempre assumo
O que em mim vai mal ou bem.

*

O que devo só eu pago,
Nada muda de figura...
Porque ao fim e ao cabo
Sou eu quem paga a factura.

*

E em algo que me oprima,
Ponho em dia os meus direitos
Como eu digo ali em cima,
Deixe em paz os meus defeitos!

*

(JP) João da Palma - Portimão

“VEREDAS SINUOSAS”

Na vida, tenho que andar
Não posso ficar parado
Eu tenho que aguentar
Mesmo sem muito esperar,
O destino que me foi dado

O caminho faz-se andando
Eu por diversos passei!
Muitas vezes caminhando
Em atalhos tropeçando,
Mas sem cair, caminhei!

Em veredas sinuosas
P'los campos, pesado fardo...
Passei por vias perigosas
Não há espinhos sem rosas
Por vezes fui felizardo!

Pisei nas ceifas, rastolhos...
Campos de terra lavrada!
O que viam os meus olhos,
Se era riqueza aos molhos,
Não foi p'ra mim semeada!

João da Palma - Portimão

MENINO DO MUNDO

Num hino divino
O milagre aconteceu:
Cristo menino
De Virgem nasceu.

Há 2.000 anos.

Privilégio humano
Que o teve como seu.
E o Mundo

De guerras, cataclismos,
Doenças, fome, miséria,
Foi mais de humanidade,
Amor, dádiva e santidade.

Em Ti a felicidade.
Meu Menino do Mundo!

João Coelho dos Santos
Lisboa

Lágrima que teima em cair

Vitalino é amigo do seu amigo
é frontal e verdadeiro
não oferece qualquer perigo
para qualquer companheiro.

O Vita gosta da verdade
doa a quem doer
não lida com falsidade
íntegro.... julga-se ser.

Vitalino Pinhal - Sesimbra

NATAL DE 2.009

Vive a Humanidade em eterna dúvida
 Por não ver imperar o Reino prometido
 De Ternura, de Paz, de Justiça e de Amor!
 Varrem seu pensamento silvos soltos
 De desenfreado vento
 Que, em tal correr, ora canta, ora chora.
 É ergue-se a palavra-chicote
 A falar de perigos, sustos e guerras.
 Tantos desalentos!...

Tudo perdido?
 Fim da Esperança?

Não!
 Um dia, sim, um dia,
 Tudo vai mudar se o Homem quiser.
 Um Menino assim ensinou e prometeu
 Quando se fez homem, quando cresceu:
 - Mesmo quando for de fel a tua taça,
 Não te esqueças que é no pôr-do-sol
 Que a sombra mais se alonga.
 São tuas as estrelas do Céu,
 São tuas as flores do jardim.

Recompõe esse coração
 Quando desfeito de amargura
 E ampara esse a teu lado,
 O teu irmão!

Desde então,
 Numa certa noite, à meia-noite,
 Envolto em diáfano véu,
 Desce mansamente o luar
 Por entre um cardume de estrelas,
 Param as nuvens que andam no Céu
 Em louca correria, como toiros na lezíria,
 E abre-se o coração dos Homens
 Em ninhos de afetos.

Do alto, nessa noite de Dezembro, à meia-noite,
 Numa verticalidade horizontal e transversal
 Desce um raio de luz dobre o Presépio,
 Passeia a Lua desfazendo as Sombras,
 Enquanto colhe e esparge sementes
 De Ternura, de Paz, de Justiça e de Amor.
 Homens... conhecemos a receita.

Vamos, vamos à colheita!

João Coelho dos Santos - Lisboa

Máscara

No carnaval... Foliões saem às ruas,
 Desfilando, vão exteriorizando seus medos
 Izorsitando uma máscara ilusória anual...!
 Que vai pesando, sobre sua carapaça,
 Encoberto de todo seu sentimento, seja ele nobre ou perverso.
 Em representação constante, vai escondendo o original, oculto no interior do coração... ferido por forças do mal

Fernando Carlos Correia de Vasconcelos - Seixal

MARQUÊS DE POMBAL

Sebastião e Melo, Marquês de Pombal,
 que foi Ministro d'el Rei D. José primeiro,
 homem influente nas leis de Portugal,
 tem porta aberta em Lisboa ao forasteiro!

É majestosa a estátua lá na praça,
 e com seu nome dão ao sítio o lugar.
 Será que o Leão e ele, acham graça,
 do metro que por debaixo está a passar?

Marquês, dás sempre mais alma a quem lá passa.
 És palco principal das manifestações!
 E os que de ti ainda hoje dão chalaça

são de Lisboa a incúria e a desgraça...
 E tu, Marquês, na figura de tanta raça,
 dás a todos os Lisboaetas as Saudações!

Joel Lira - Amora

A todos que O receberam

Deus é Santo! Deus é puro!
 Deus não suporta o pecado!
 Todo o homem é pecador
 E já nasce condenado.

Não temos qualquer poder
 Para nos purificar!
 Só Deus nos pôde valer,
 Ao Seu filho nos enviar.

Era Deus em carne humana!
 Sem pecado! E a razão
 Pela qual Deus o enviou,
 Foi pra nossa salvação.

Confiemos só em Jesus!
 Com fé! Deixando os maus trilhos!
 Pois todos que O receberam,
 Deus perdoa e dá o poder
 De serem feitos seus filhos.

Anabela Dias - Fogueteiro

Vida

É sentir o cheiro do dia
 É sentir o cheiro da noite
 É ver no outro bondade
 Esse sinónimo de alegria.

É ter paz de noite e de dia
 É querer ajudar alguém
 É não desprezar ninguém
 É ver o sol o mar e a lua.

É ver o sorriso dum filho
 Para ser dois a confirmar
 É preciso saber amar
 Com todo o carinho.

Que toda a sua pureza
 Nos transmita sempre a paz
 Mas que o homem não é capaz
 De saber respeitá-la.

Vida é ter fé e esperança
 Harmonia e serenidade
 Para que na realidade
 Possamos viver com alegria.

Luís Filipe N. Fernandes
 Amora

**MESMO SEM SABER QUEM ÉS**

1
Sem alma nem rumo
No meio do deserto
indiferente ao mundo
Do aquém e do além
Tão só a miragem
De encontrar por certo
Caminho que a ti me leve
Mesmo sem saber quem és

2
Há quem veja arcanjos
Com os olhos abertos
Mitos de penumbra
E Deuses do céu
Sublimes desígnios
Em seres inconcretos
Eu só vejo a realidade
Com os olhos que a Luz me deu

refrão

Sou assim e não me importo
Não me encontro nem me perco
Nas ilusões do caminho
Já tentei, mas por enquanto
Não tenho o além por tanto
Como tem o meu vizinho

3

Tu que pobre vives
E só te lamentas
E nunca perguntas
quem te condenou
Se portanto aceitas
Calas e consentes
Mereces ser destinado
Por quem te destinou

4

nunca o Alentejo
deu flor de canela
nem a amendoeira
cereja carmim
canto a natureza
para estar com ela
certo por fora e por dentro
que existe princípio e fim

Paco bandeira– Montemor o Novo

Devo Ir

Se me apetecer ir correr
Pelos campos fora. Sugando sonhos, vertendo sorrisos,
Devo ir, sem cuidar saber
Se pode haver lugar para provar sabor justo de juízos.

Quim d'Abreu - Almada

Portugal...Nosso Avozinho!!!

Dez de Junho é o dia de Portugal
E com os portugueses vamos festejar
Portugal eles lá e a gente cá
Com a mesma alegria vamos comemorar.

Acendam as luzes e cantem um fado
Sirvam o vinho e as sardinhas
Brasil e Portugal lado a lado
Cantam juntos as mesmas linhas.

Parabéns Portugal amigo
Nosso avozinho descobridor
Alegres estamos contigo
Receba nosso carinho e nosso amor.

Maria Aparecida Felicori {Vó Fia}
Nepomuceno Minas Gerais Brasil

BOA SOLUÇÃO

Pode bem ser
Uma coisa louca,
Mas quando a minha mulher
A dizer se atreve
Aquilo que não deve,
E querendo eu que ela feche a boca,
Eu a beijo na boca, ternamente,
E ela fecha a dita, imediatamente.

O mesmo acontece,
Quando ela está zangada.
Tudo ela esquece,
Fica bem calada,
Não tardando a sorrir,
E deixamos o amor se exprimir.

Encontrei, assim, a boa solução
De vivermos sempre em boa união!

Hermilo Rogério
Paivas/Amora

As alegrias e amarguras,
São parte do nosso viver...
Por isso em certas alturas,
Eu canto para esquecer.

Manuel Nobre - Sines

A DROGA

Quisera um dia eu
Poder dar à mocidade
Toda a minha bondade
Como Jesus nos deu.

Quisera eu aliviar a pena
Da droga que faz história
Em que a mocidade vive agora!
Não há sequer memória.

Meu Deus, quisera um dia eu
Terminar com esta verdade
Eu penso no sol da mocidade!
Que sofre por mais um que morreu.

Com os olhos fixos na além
Dorme o mundo na esperança
Da desilusão que não descansa
Das mães que choram também.

Meu Deus, quisera um dia eu
Dar remédio ao que é preciso!
Dar sempre com um sorriso
O que outrora Jesus nos deu.

Luís Fernandes - Amora

Andas por aí aos tombos.

Mote

**Viraste desilusão
Andas por aí aos tombos...**

Com lua bisbilhoteira
Numa terra muito louca
Vira pra lá essa boca
Bichinho róí a madeira
Mulher tombou a cadeira
No mar és navio com lombos
De dia das milho aos pombos
Geraste a confusão
**Viraste desilusão
Andas por aí aos tombos...**

Pinhal Dias (Lahnip) PT
Montemor-o-Novo

Só alcança o que almeja, após derrubar o medo.

Filomena Gomes Camacho - Londres

Desculpas

Se chove
Queixamo-nos
Se não chove
Queixamo-nos

Se estamos apertados
Queixamo-nos
Se estamos isolados
Queixamo-nos

Falta-nos o espaço
Queixamo-nos
Construímos em ferro e aço
Queixamo-nos

Afocinhamos no subsolo
Queixamo-nos
A água invade o túnel
Queixamo-nos

Desviamos a linha de água
Queixamo-nos
Se ela reclama o seu leito
Queixamo-nos

Viadutos inundados
Queixamo-nos
Aquedutos desviados
Queixamo-nos

Se satisfeitos
Queixamo-nos
Se insatisfeitos
Queixamo-nos

Se temos menos
Queixamo-nos
Se temos demais
Queixamo-nos

Não nos basta já
A degradação do Planeta
A extinção das espécies
O lixo debaixo do tapete

Que queremos nós mais
Talvez um foguetão particular
Para todos debandarmos daqui
E quiçá noutra planeta ir defecar

Herculano Montagreste
Alenquer

Amizade e Poesia

Uma vez que a amizade já existia
E a prática poética era evidente
E comunhão de ideias já havia
Jogo de sonetos ficou assente.

Espiritualidade carente de Poesia
Escrevê-la para nós e3ra premente
O soneto que é um poema de magia
Impôs-se delicado à mo3sa mente.

Os sonetos surgiram com beleza
Deixaram nossa vida com leveza
E deram aos leitores muito prazer

Da criatividade são expressão
Elaboro esta escrita com emoção
É o encanto da vida a reviver.

Maria Vitória Afonso
Cruz de Pau/Amora

À NOITE NA CAMA!

Sei que não sou perfeita
tenho os meus defeitos.
Quisera eu agora estar
aconchegada no teu peito.

Saber ter alguém que me ama
e diz que sou importante.
Não importa a ingrata distância
e sim o amor abundante!

Talvez não saibas ou não acreditas
que fazes falta na minha vida.
No meu quarto sozinha
em ti penso agradecida.

Adormeço pensando em ti
sentindo o calor teu corpo quente.
Cria, tu já fazes parte de mim
do meu amor lindo e transparente...

ZzCouto – RJ/BR

Pronto a comer Aviz.
(Certificado e Dedicado”)

Mote

Amizade se cativa
Pronto a comer Aviz...

Restaurantes por aí
Não acertam na perdiz
Só: - “**Restaurante Aviz**”
Caçadores por aqui
Na cozinha que sorri
Mesa: - “cliente feliz”
Montemor força motriz
Com ementa sugestiva
Amizade se cativa
Pronto a comer Aviz...

Pinhal Dias (Lahnip) PT
Montemor o Novo

VEM SOL!

Vem sol, que eu vou já te receber
Vem sol, que vens dar luz e vens dar vida
Vem sol, derrete a neve entristecida
Vem sol, faz este frio desaparecer!

Vem sol, junta-te à água, vem beber...
Vem sol, nesta manhã aborrecida
Vem sol, pela tardinha, na subida...
Vem sol, me iluminar e aquecer!

Vem sol, neste Fevereiro regelado
Vem sol, quebra este gelo marafado...
Vem sol, vem apressar a Primavera!

Vem sol, acaba já com este inverno
Vem sol, porque sem ti é um inferno...
Vem sol, que eu estou sempre à tua espera!

João da Palma, (Amlapad)
Portimão

Pensamento

Percorri o areal pensando em ti...deitei-me nele julgando sentir que ali havia algo que me falasse dos momentos que ali vivi...estremeci pensando ver a tua sombra num desconhecido que tinha os contornos do corpo iguais aos teus. Mas não eras tu. Fiquei sozinha amargurada, desesperada, embrenhada nos sonhos que eram só meus.

Natália Parelho Fernandes – Portalegre



«POETAS DA NOSSA TERRA»

BIOGRAFIA

Maria Melo – Nascida a 13 de Agosto de 1950, na cidade Invicta do Porto. Estudou dos 11 aos 13 anos na Alemanha, idade com que foi para Angola, donde regressou definitivamente para a Europa 1984. Depois de passar por vários Países europeus, numa tentativa de adaptação, fixou-se em Portugal a partir de 1989. Tirou vários cursos ligados às letras e um de contabilidade e gestão. Escreve desde os seus 12 anos, mas quase tudo o que escreveu até aos 35 anos de idade, ficou em Luanda; juntamente com um sonho de vida.

Está ligada aos Horizontes da Poesia; **Confrades da Poesia** e a vários portais da Internet.

Biografia

9 Livros Temáticos; 40 Livros para a Infância; 70 Livros de poesia variada; 3 Livros em Prosa; 30 Livretos Contos; 10 Livretos Porto das Barcas; 24 Livretos Signos. Participação em mais de uma centena de antologias, algumas organizadas pela própria. Prefaciou vários livros de autor, principalmente de poesia.

Sua página de Confrade - <http://www.confradesdapoesia.pt/Biografia/MariaMelo.htm>

AMOR É

Amor pode até ser... tal como um rio
Que vai correndo lesto ou devagar
Por entre a natureza, o desafio
O excita e o impele para o mar

E o mar pode ser, braços abertos
Onde a espuma envolvente se insinua
Nos sentidos complexos e dispersos
Que se elevam no espaço, até à lua.

Amor, ao coração dá um bater...
Pode durar pra sempre, até morrer
Mas se, inexplicável, se faz sentir

Será o “fogo que arde sem se ver”
Será a chama viva sem viver
Podendo ser mentira sem mentir.

Maria Graça Melo - Lisboa

O CERTO SENTIDO DA VIDA

Sairei por aí a dizer
Que a vida faz sentido
Num verso que não foi esquecido
Num amor outrora perdido
Num abraço não reprimido
Sem tristeza de um amor cativo
Num sopro de mar sem gemido
E voltarei com um sorriso florido
De quem encontrou
Da vida o mais certo sentido.

Maria Graça Melo - Lisboa

CHÁ DA SAUDADE

Bebo o chá,
trago a trago,
em cada trago
mato a sede que trago
dentro de mim,
sem razão
entre alma e coração.
Um ligeiro fio de nostalgia
fino elo invisível
veio dizer-me,
como fora poesia,
em cada trago
que vou bebendo
mato a sede que trago
mas, sem embargo,
o chá já não me aquece
nem a saudade esquece.

Maria Graça Melo - Lisboa

ESCREVER NAS ESTRELAS

Há quem escreva no vento
Palavras sem o sustento
De um registo para ler
Há quem escreva na areia
Sabendo que a maré cheia
Fará tudo desaparecer

Serão todos escritores
Anónimos sonhadores
Com rimas, ou mesmo sem elas
O que escrevem não se lê
Nem eles sabem porquê
Só confiam nas estrelas.

Maria Graça Melo - Lisboa

MAIS VIDA

Não, não deixes nada por fazer
enquanto podes
faz
enquanto vives
vive
enquanto respiras
suspira
e louva
o que tens
sabes para o que vens
quando a vida se te oferece
de bandeja.
Não!
não digas não
ao desconhecido.
experimenta,
se não gostares,
aguenta
e parte para novo rumo
apruma o aprumo
e ergue a cabeça
deixa que a vida aconteça
deixa que ela te peça
mais vida
na tua vida!

Maria Graça Melo - Lisboa



**Deserdados de tudo**

*

Foram fechadas as janelas
Em quando a noite ardia, vorazmente
A pele sufocada e soffredora
Pelas mãos! de quem amava

*

A paixão caminhava, a olhos vivos
Pelas brasas derramada, fogosamente
De um coração que implodiu de amor
De uma melodia que tocava de paixão

*

De duas almas nuas, que dançavam fascinadas
No puro delírio imperial da loucura, inflamada
Num voo rasante de tudo, que amávamos

*

Libertamos o que amávamos, deliberadamente
Deserdamos desta vida, saloia, espiritualmente
Vivemos nesta paixão como loucos, e tão seguros de nós

*

João Coelho - Setúbal

Tesouradas

É uma alegria
Quando encontro um companheiro
Que me conta o dia a dia
Sem falar mal do parceiro.
Fico contente
Quando a conversa troca
Não acaba à tesourada
Na pele de qualquer ausente.

Já estou cansado
De contos e mexericos
Dos que mordem nos visados
À revelia dos ditos.
Estejam calados
Não me sujem os ouvidos
Eu quero acabar meus fados
Em paz com os amigos.

A roupa suja
Que se lava nas conversas
É o fruto da inveja
De criaturas perversas
A sociedade
Tem muito que se lhe diga
Há quem use a liberdade
Para semear a intriga

É uma tristeza
Ver a falta de verdade
Com que a inveja e a maldade
Se atiram a qualquer presa
Ninguém escapa
Da má-língua do paleio
Dos que mordem à socapa
Na carcaça do alheio.

Poema de Paco Bandeira
Montemor o Novo

“HÁ SORRISOS”

Há sorrisos
embrulhados em saudade!
Há delírios
nessas tuas mãos
onde se sorve o amor
onde existe luz própria
que transcende a alma!
Há risos difusos
disfarçados de mágoa
na tua boca
que se espraiam ao luar
reflexos
inventados p’la vida!
Há beijos
nessa boca feita para amar
parecem sementes de lua
ou sonhos
de asas coloridas!
Há palavras
nos teus gestos
há toques
há carinho
há paixão
Enxertos de um amor
escondidos na alma
acesos na noite
naquela hora
que é só
tua e minha
não é
de mais ninguém!
É a hora da saudade
em que o amor
desembrulha o sorriso...

MAGDA BRAZINHA.
Sesimbra

O sonho transforma vidas.

Mote

**O sonho transforma vidas
Leitores apreensíveis...**

E dar a mão ao carente
Por um sonhar satisfeito
Acordar com mão no peito
Humilde e coerente
Saudar amigos de frente
Com poetas disponíveis
Relatos imprescindíveis
Amarguras dissolvidas
**O sonho transforma vidas
Leitores apreensíveis...**

Pinhal Dias (Lahnip) PT
Montemor o Novo

NA MÃO DE DEUS

Com ligeiros indícios de Fé,
Mergulhado em tristeza,
Cheio de angústia, insegurança e medo,
Conseguiu captar o divino.
Orou à Mãe de Deus
E sentiu-se na Mão de Deus.

Vive sem pressa
E tem pressa em viver.
Como gerir tal ansiedade?

Segue a estrela guia
Imanente e transcendente
Que, em silêncio, sem um grito
Atravessa o infinito.
Romeiro, peregrino,
Aos céus ergue um hino de louvor
A Cristo Jesus, Nosso Senhor!

João Coelho dos Santos
Lisboa

Lágrima que teima em cair

Vitalino é amigo do seu amigo
é frontal e verdadeiro
não oferece qualquer perigo
para qualquer companheiro.

O Vita gosta da verdade
doa a quem doer
não lida com falsidade
íntegro.... julga-se ser.

Vitalino Pinhal - Sesimbra



Carlos Dinis Tomás Cebola, o Inspector Cebola, faleceu no passado dia 4 de Fevereiro no Hospital de Évora, aos 91 anos de uma vida dedicada à Educação e à Escrita. O seu funeral realizou-se em Montemor-o-Novo, sua cidade adoptiva e constituiu enorme manifestação de pesar..

Carlos Dinis Tomás Cebola nasceu em Nisa a 9 de Novembro de 1928. Após a instrução primária, estudou no seminário de Alcains e em Nisa, no Colégio do Dr. Durões Correia, tendo concluído o Curso Geral dos Liceus, no antigo liceu Mousinho da Silveira em Portalegre.



Fez o Curso do Magistério Primário em Évora e exerceu como professor em Reguengos de Monsaraz, Montemor-o-Novo, que viria a ser a sua terra de adopção e Luanda (Angola) até 1971. A partir dessa data ocupou, sucessivamente, os cargos de Sub-Inspector Escolar, sub-director do Distrito Escolar de Luanda e Inspector Escolar, tendo-se aposentado em 1994, como inspector principal da Inspeção Geral de Educação, após 44 anos de serviço..

Residia em Montemor-o-Novo, onde havia casado em 1958 e lhe nasceram os seus dois filhos. Foi também nesta vila, que ascendeu a cidade em 1988, que escreveu as suas peças de teatro, a partir de 1956, com "Três Tardes de Três Outonos"; em 1958 "A Cigarra e a Formiga" e em 1961 "A Acácia do Quintal", apresentada pela RTP e mais tarde editada em separata pela revista Humanitas do Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Em 1962 ganhou um 2º prémio no 1º concurso de originais para a RTP com a peça "O Retrato de Marcelo" e, nesse mesmo ano, a censura proibiu "Quinto Mandamento", proibição que, no ano seguinte (1963) foi levantada, sem qualquer explicação e autorizada a sua representação, que acabou por permitir ao Grupo Cénico da Sociedade Recreativa e Dramática Eborense, numa encenação de José Saloio, arrebatador todos os primeiros prémios em disputa no Teatro da Trindade, em Lisboa.

Fonte de pesquisa: <https://jornaldenisa.blogspot.com/2020/02/nisa-morte-de-carlos-cebola-o-menino.html>

Professor e Poeta - Homenageado

Carlos Dinis Tomás Cebola

O Castelo

Vem daí. Vem ver o festival de cor
que a Natureza esbanja, aqui, à toa.
Vem daí ouvir, à hora do calor,
a rústica flauta de ignoto pastor
e as canções que entoa.

Estão as searas a ficar doiradas,
por este Alentejo prene de trigais,
e as espigas cheias, luzidias, gradas,
beijam as papoilas que, envergonhadas,
enrubescem mais.

Depois, quando vires tudo isto, não
terás mais lugar seja para o que for.
Iremos beijar-nos, ébrios de paixão;
Iremos correr, saltar, cair no chão
e fazer amor!

Carlos Dinis Tomás Cebola
Montemor o Novo
(Saudoso) - 9/11/1928 – 4/02/2020)

Arrábida

Torso
de colosso,
à beira-mar esquecido.
Mundo
de outro mundo,
neste mundo perdido.

Apelo
que, de longe, chama!
Desvelo
que, de perto seduz!

Arrábida!
Por aqui andou Sebastião da Gama,
na senda de frei agostinho da cruz

Carlos Dinis Tomás Cebola
Montemor o Novo
(Saudoso) - 9/11/1928 – 4/02/2020)

Rua de Aviz

Mil passos para lá
Mil passos para cá,
em cada dia
de todos os meses,
durante mil anos!

E sempre a mesma página vazia,
branca-suja-baça,
sem um traço
que quebre a monotonia,
sem um rasto
que registe um passo
de quem mil vezes passa.

Carlos Dinis Tomás Cebola
Montemor o Novo
(Saudoso) - 9/11/1928 – 4/02/2020)



**MUDAM-SE OS TEMPOS...**

Mais uma imaginária conversa entre duas personagens separadas no tempo por 150 anos:

Nas nossas ruas, ao anoitecer,
Há tal soturnidade, há tal melancolia,
Que as sombras, o bulício, o Tejo, a maresia
Despertam-me um desejo absurdo de sofrer.

...
(Cesário Verde)

LISBOA HOJE

Permite-me, Cesário, que te diga,
Ao ler-te, desta minha solidariedade
Com esse sentimento natural que invade
O teu ser quando vives a Lisboa antiga.

Havias de viver nos nossos dias!
Melancolia? Sombras? Nem imaginado!
Discotecas e bares, mares de alegrias
Deixam cada caminho à noite iluminado.

E festivais de música, de luz,
De cerveja – beber até o sol raiar! –,
Psicadélicas formas, corpos seminus
Despertam lógico desejo de gozar.

Soturnos lisboetas? Mas que ideia!
Há sempre Carnaval no palco da cidade
Com bons actores, e os que formam a plateia
Aplaudem, cantam, dançam. Que felicidade!

Então agora, que se deu o clique
Falso libertador deste infernal martírio
Do vírus, ri a gente, rebentou o dique
Na ânsia de viver, tsunami do delírio!

Lauro Portugal - Lisboa

MUITO CHOVEU

Choveu o dia todo, de seguida,
E, como se fosse outra vez criança,
Meti pés na valeta da avenida
E, à solta, chapinhei, como uma dança

De frescor, movimento e alegria.
Voltei a antigamente, no recreio.
Memória dos desejos de algum dia
Fizeram uma roda e eu no meio.

Não leva a mente o corpo para trás
E a nuvem do passado é incapaz
De trazer pró presente tanta luta.

Milagre, nem sequer com uma vela.
Pulei do colchão, fui ver da janela
E vi que a rua estava toda enxuta.

Tito Olívio - Faro



As réguas, os esquadros, os riscos certos. Uma certa maneira de riscar e ver o mundo. Os ângulos da vida contados por lágrimas e gargalhadas. Uma linha recta que se interrompe. Uma tangente e o perigo iminente. O transferidor a medir o tamanho do ângulo do desvio. Um dia a recta será cortada.

Jorge C Ferreira - Mafra

Considera-te Feliz e dá Grças a Deus

O justo, o bom, não devia sofrer,
mas o Criador não nos passou
uma *apólice de seguro*.
Deu-nos a liberdade,
a tão reclamada Liberdade,
de escolhermos o nosso caminho,
sem determinismo ou fatalismo.
Garante-nos a Sua Providência
sempre que quer,
e não quando cada um quer.
É necessário
pleno e absoluto arrependimento.
Se temos alma negra de remorsos,
não nos desresponsabiliza
dos nossos erros e desmandos,
mesmo quando o céu está translúcido,
sem nuvens.
À oração sucedem-se a benção
e absolvição.
Todas as religiões convergem
no Espírito Santo.
Considera-te feliz e dá graças a Deus.

João Coelho dos Santos - Lisboa

Meus Versos

Versos permeiam a minha mente
Com tamanha veracidade,
Que chego a ter medo que um dia...
Eu venha a morrer de saudade...

Saudade de viver totalmente sem você
E de tanto chorar eu venha desfalecer.
Você foi embora sem a menor razão
Enganou-me entristecendo o meu coração.

Coração que não vê passar o tempo.
Sempre à espera de algum milagre...
Conta os dias como se fossem anos
Vive sorrindo com a alma em prantos.

Prantos secretos, sem soltar um ai
É chuva caída na alma pesarosa
Que só deságua quando a noite cai
Trazendo à tona os meus tristes ais.

Rita Rocha
Santo Antônio de Pádua
Brasil



O DINHEIRO E A FELICIDADE

O dinheiro não dá felicidade
É bom ter um par de cobres
Já alguém reparou de verdade
Na cara feliz que têm os pobres

Sem dinheiro, vive-se mas mal
Por isso nunca será verdade
Quando se ouve dizer afinal
O dinheiro não dá felicidade

Vou dizendo aqui em alta voz
Não nascemos todos nobres
E para desatar uns certos nós
É bom ter um par de cobres

Desabafo isto pelo que já vi
Dentro da nossa sociedade
Quem precisa pouco sorri
Já alguém reparou de verdade

Aquele endinheirado esbanjou
Muito feliz os seus cobres
Por acaso alguém reparou
Na cara feliz que têm os pobres.

Serafim Ferreira
Anais-Ponte de Lima

E ... PARTIU !...

O tempo que passa
Lentamente tudo arrasta ...
Leva consigo o Tudo
O Tudo que tanto calas-te !...

Viajando no tempo
Percorro indiferentemente ...
Já nada me diz do ... Tudo !...
Também já nada quero !...

E neste vazio que nada tem
Nada de Nada quero também !...
Este insípido estar ...
Nada me diz afinal !...

Não quero Nada !...
Apenas a vida passar !...
Sem mais nada aqui ficar ...
Deste tudo do nada Ser !...

Sempre estive a perder
Eram sonhos e fantasias !...
Tudo força desta mente
Sempre tudo foi Poesia !...

E agora já no Final ...
Mesmo que Tudo viesse ...
Já não há força para ter
Este Nada ... de Nada ter !...

MAGUI - Sesimbra

Num descuido mudei de farda

Fui Militar na Armada
Bati Malagueiro no duro
Depois vim para a Guarda
Passei de Cavalo p'ra Burro.

Há malta que tem mania
A vaidade não me diz nada
Hoje recordo com saudade
Fui Militar na Armada.

Fui combatente na Guiné
Sou Português de sangue puro
Num descuido mudei de farda
Bati Malagueiro no duro.

Fui Marinheiro Artilheiro
Servindo a Pátria amada
Não ligando a conselhos
Depois vim para a Guarda.

Na recruta em Vila Franca
Ninguém era casmurro
Éramos todos uma Família
Passei de Cavalo p'ra Burro.

Depois de jurar Bandeira
Fui p'rá Escola de Artilharia
Onde me especializei
Há malta que tem mania.

Foi a minha primeira farda
Para mim a mais amada
Digam lá o que disserem
A vaidade não me diz nada.

Ingressei na Guarda Fiscal
Força com grande actividade
A vida dá tantas voltas
Hoje recordo com saudade.

Mas eu não posso dizer
Que a sorte me foi malvada
Tive bons momentos de lazer
Fui Militar na Armada.

Ser Guarda Republicano
Para tal eu não tinha fé
E isso me desmotivou
Fui combatente na Guiné.

Caminhando sempre em frente
Eu galguei mais este muro
Uma vida ligado à farda
Sou Português de sangue puro.

Lancha, Patrulha e Fragata
Tive experiência embarcada
Com muitas recordações
Num descuido, mudei de farda.

Manuel Nobre - Sines

A professora perfeita.

Mote

**A professora perfeita
Foi regente no ensino...**

Meninos de bata branca
Brincadeiras no recreio
Lagartixa bicho feio
Porta fechada por tranca
Castigos sem retransca
Foi mulher de grande tino
Sua missão foi destino
Por uma cama bem feita
**A professora perfeita
Foi regente no ensino...**

Pinhal Dias (Lahnip) PT
Montemor-o-Novo

COISAS DO AMOR

Se sentes o rosto corar
E o coração louco bater,
Se tens ânsia de estar
E imperativo de viver
Isso são coisas do Amor.

Se na escuridão vês beleza
E captas o encanto
Do trinar do rouxinol,
Se te apaixonas tanto
No ocaso, como no nascer do Sol
Isso são coisas do Amor.

Se gostas de ver o regato
A deslizar em cascata
E branco cisne no lago,
Por sob luar de prata,
Se captas raios de luz
Na ramagem colorida,
Se a mensagem de Jesus
É fonte viva de vida
Isso são coisas do Amor.

Se escutas a melodia
Que te rodeia na Natureza,
Se crês na profecia
De horóscopo ou de sina,
Se gostas de vela acesa
Isso são coisas do Amor.

Amigo!
Escuta o que eu te digo:
Se não tiveres o que amas,
Ama ao menos o que tens:
Estoico, suporta a dor
De certas COISAS DO AMOR.

João Coelho dos Santos - Lisboa

**TENHO QUE REGRESSAR**

Queria ver o mar das ilhas
 Queria rolar nas praias
 Queria correr milhas
 A sorver brisa que se espraia.

Queria permanecer nas ilhas
 Queria percorrer os cutelos
 Queria galgar as ladeiras
 E descer os covões, queria.

Queria estar com a minha gente
 Escutar as palavras doces
 Sentir a energia que sai
 Pelos póros e me alimenta.

Queria as frutas tropicais
 As papaías, as bananas de terra
 O queijo das ilhas, os peixes...
 Tudo fica nas minhas saudades!!!

Mas tenho que partir.
 Sem querer regressar
 Nem desistir de existir
 E insistir em esperarçar.

Amália Faustino
 Praia – Cabo Verde

Voltar a casa

Voltar a casa ea casa está lá.
 Voltar à rua ea rua está lá.
 Voltar à terra e ...a Terra está lá
 Mas ...nada está lá.

A casa veio connosco.
 anda junto.
 abriga-nos sem estar à vista.
 Onde estamos
 é que temos de continuar a ser
 da Nossa Casa.
 Mesmo que tenham,
 tentado tirar a Nossa Casa.
 A Nossa Casa
 está no nosso Bolso.
 Não tem vertigem,
 tem –Nos.
 E isso basta!

José Jacinto “Django”
 Casal do Marco/Seixal

FAZER A SALADA ASSIM ?

Com um pepino assim mole
 Está bem murcha a tomatada
 Amigo Joaquim não me enrole
 Eu não os quero para a salada

Encontrei ontem uma vizinha
 Ali no mercado do Carambole
 E brincava aquela atrevidinha
 Com um pepino assim mole

Vi que ela queria era brincar
 E mandei-a fazer uma salada
 Respondeu sempre a andar
 Está bem murcha a tomatada

Veja lá este murcho pepino
 Só se fizesse um bacamole
 Você até é um bom menino
 Amigo Joaquim não me enrole

Veja lá bem com a sua mão
 Toda esta triste molengada
 E assim moles como estão
 Eu não os quero para a salada.

Chico Bento
 Anais-Ponte de Lima

Lagos ...

Lagos, terra de eleição,
 Onde o progresso domina
 Na tua urbanização,
 E a tua bela «marina».

Uma beleza que são
 As praias de areia fina,
 Onde, ondas vêm e vão...
 Do mar que não se amofina.

Antes te envolve a preceito,
 Te namora com tal jeito,
 P'ra sempre tua glória...

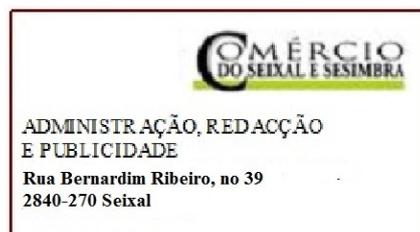
S. Gonçalo te protege,
 D. Sebastião... te rege,
 E o «povo» te fez a História...

António Boavida Pinheiro
 Lisboa

Redacção.

A humildade verdadeira é que é excelente,
 Nem todos os pódios aguentam com o seu peso.
 O resto, por mais orgulhoso que seja...
 desnecessariamente é apenas... penas...
 Não vale a pena.

José Jacinto – Pinhal de Frades



As fotos deste Boletim
 são dos autores e
 outras da Internet

«A Direcção agradece a todos os que contribuíram
 para a feitura deste Boletim».

Voltamos a 2/04/23



Ode a mim mesma!!!

No dia 24 de junho de 1927
Eu cheguei a este mundo
Era dia de São João e nasci festeira
Por isso danço com sanfona viola e bumbo.

Fui criança e muito arteira
Brincar de boneca eu não queria
Pulava corda e jogava bola sem chuteira
Meu pai me chamava de soldado e isso era alegria.

Fui uma adolescente terrível
Subia em árvores e quebrava a vidraça do vizinho
Me divertia e achava tudo incrível
Mas a chinela de minha mãe me fazia um carinho.

Cresci e me tornei uma senhorita
De vestido branco com fita nos cabelos
Ia a missa nos domingos bem contrita
Com meu pai vigiando cheio de zelos,

Tive pai mãe irmão e um marido
Que agora não tenho mais
Tenho filhos netos e bisnetos muito queridos
E sobrinhos e primos...sozinha não fico jamais.

Trabalhar eu trabalhei minha família criei
Fazendo doces e vendendo roupas e perfumes
Adoeci vesti e perfumei o mundo pelo que sei
Agora envelheci e escrevo coisas ao pé do lume.

Vivi exatos 32.650 dias
E isso representa noventa anos
Tive tristezas e muitas alegrias
Porque a vida não é feita só de desenganos.

Meus parentes e amigos estão partindo antes de mim
Não sei porque Deus me quer aqui...mas Ele sabe
Enquanto Deus quiser que eu fique eu digo sim
E quando ele me chamar irei voando como uma ave.

Maria Aparecida Felicori {Vó Fia }
Nepomuceno Minas Gerais Brasil

Fiz a revisão há poucos dias,
E visto a máquina estar boa...
Comi um ensopado de enguias,
Aqui na zona da Lagoa.

Manuel Nobre - Sines



Esta praga, esta peste. Este sinal de revolta que nos vai atingindo. Esta rebeldia que não me abandona. Este estar do lado da liberdade e dos mais frágeis que me persegue desde que me conheço. O perigo de outros tempos a passear nas nossas ruas. Chegam Francesas de mau porte. Pessoas impróprias para consumo. O topete dessa gente cansa-me. Uma náusea que me invade. Liberdade Sempre.

Jorge C Ferreira - Mafra

AVENIDA DA LIBERDADE

Antes passeio público da alta,
na parte inferior, muros, portões,
porque o Marquês não queria essa malta
“pé descalço” e vestidos sem botões...

Os Liberais rasgam a vedação,
abrindo o passeio p’ra todo o povo.
Hoje a álea tem alma e coração,
e o poeta oferece o fado novo!

És a inveja de toda a Cidade
e até mesmo a nível Mundial
és a mais eleita de Portugal

Acordas e dormes na Liberdade
em ti há sempre a jovem Madragoa.
Qu’ o digam as colinas de Lisboa!

Joel Lira - Amora

VOLTO ÀS ILHAS

Lá fora, cheio de pilhas
P’ra um dia voltar às ilhas
A minha terra, e às filhas
Narrar percorridas milhas.

À procura de vida, tão perdido
Na imensidão como ferro fundido
Neste areal extenso, absorvido
Muitos feitos, tudo dissolvido.

Se ninguém sabia o que trazia
Se evoluir, quem me aprecia?
Se piorasse, quem observaria?
Se enriquecesse, quem saberia?

Ah, pois, na multidão sumido,
Ninguém me nota empobrecido
Casa, carro ou loja conseguido
Só o meu país vê e dá ouvido!

A ilusão de vida larga e melhor
É tudo que me prende, sem calor;
E se conseguir o que exibir, por amor,
Vou mostrar a meu povo observador.

Amália Faustino Mendes
Praia/Cabo Verde